

INFÂNCIAS DAS CRIANÇAS DO SÉCULO XXI

Singulares, universais, complexas, multiculturais

*Infâncias tão conhecidas e tão desconhecidas,
tão saudáveis e tão doentes,
tão inteiras e tão fragmentadas,
tão presas e tão livres,
tão verdadeiras e tão escondidas.*

Um mundo de infâncias a desvendar!

É revelador e interessante perceber quantas áreas de conhecimento e de ação têm colocado lentes de aumento diante do tema da infância e das crianças, ampliando e aprofundando esses universos. Conhecer o panorama multidisciplinar e multissetorial sobre as infâncias é fundamental para olharmos para as crianças de forma não fragmentada, para compreendermos como cada área influencia com seus conceitos, estudos e pesquisas. Também é possível perceber quantos setores da sociedade estão empenhados em contribuir com as infâncias, para promover vidas mais significativas.

Do ponto de vista das práticas junto às crianças, passou-se da falta de atenção, de consideração, privações e violências contra muitas delas para a assimilação de orientações

de médicos e educadores, que transformaram as relações tanto nas famílias, quanto nas instituições que cuidam e educam crianças. A partir da constatação das inúmeras violações de direitos, as crianças passaram a ser amparadas por diversos instrumentos legais. Tornaram-se detentoras de direitos, passaram a ser olhadas e tratadas a partir de suas necessidades, e propostas e programas formais e não formais foram caminhando para desenhos mais adequados e saudáveis. A sociedade como um todo, porém, tem ainda muitos desafios pela frente para efetivamente transformar orientações e conhecimentos teóricos em práticas concretas. Atualmente começa a ser disseminada, de forma mais ampla, a ideia de que a responsabilidade pela educação das crianças não cabe unicamente à família ou à escola, mas passa também a ser responsabilidade dos órgãos de saúde, assistência social, varas da infância, políticas públicas etc.

A partir dessas ideias e iniciativas incipientes é importante avançar para ações e pensamentos *sem fronteiras*, no sentido de criar *diálogos interdisciplinares e intersetoriais*, a caminho de uma interlocução entre as diversas áreas de conhecimento e, sobretudo, a partir da diversidade de realidades e culturas infantis.

As experiências que vivemos neste século são diferentes daquelas de outras épocas e gerações. Muitos dos inúmeros avanços tecnológicos e científicos ocorridos nos últimos anos podem ser interpretados como modernização, mas têm causado também danos à saúde de crianças e adultos: adições, mudanças nas dimensões do tempo, da adequação, dos valores de referência... Em muitas situações, vivemos cegueiras, ensurdecimentos e lapsos de

memória (ou absoluto apagamento) de valores essenciais, bom senso, ideias do que sejam vidas e relações saudáveis, pauperização de muitas relações, falta de ritmo em todos os âmbitos de nossas vidas. Ao nos depararmos com alguns relatos de infâncias, encontramos, nas entrelinhas, valores e costumes esquecidos ou abandonados. Demorou muito para que as crianças fossem consideradas um grupo diverso, com necessidades, interesses e características próprios. É curioso percebermos que inúmeras situações que vêm de um passado remoto se perpetuam no presente século XXI, variando de um local geográfico para outro, de uma cultura a outra, de uma classe socioeconômica a outra: violência doméstica, abuso, castigo, abandono, *bullying* etc.

Conhecimentos sobre áreas multidisciplinares e programas multissetoriais sobre as infâncias precisam ser disseminados com o objetivo de destacar a importância desse período da vida na constituição dos seres humanos. Compreender a relevância de ações adequadas, por parte dos adultos, para garantir que as crianças possam ter vidas significativas no que diz respeito às suas necessidades, interesses, direitos e potenciais constitui prioridade para o desenvolvimento saudável das futuras gerações.

Uma das importantes contribuições da antropologia, no âmbito da infância, foi chamar a atenção para as diferenças entre os diversos grupos infantis e entre as diferentes infâncias.

Do ponto de vista global, todas as crianças estão hoje expostas à mídia, ao mercado e às redes sociais, desde poucos meses de idade. Elas têm recebido avalanches de informações e de pressões que não obedecem aos ritmos naturais de

seu desenvolvimento. Inúmeros excessos estão ocorrendo: estímulos antecipados, incentivo ao consumo, exagero de atividades, de cuidados e de alimentos etc. Grande parte dos pais não consegue estar presente no cotidiano das crianças e os equipamentos por elas frequentados nem sempre olham para as suas individualidades. Elas às vezes têm oportunidade de viver de acordo com seus tempos internos: a pressão que os adultos e a sociedade como um todo exercem sobre elas com relação às obrigações *versus* o tempo livre – o tempo de “ser criança” – tem tirado a possibilidade de elas viverem infâncias mais saudáveis.

Muitas crianças estão simultaneamente expostas e solitárias, e somatizam seus sofrimentos, que se tornam problemas de saúde física e mental, como hiperatividade, depressão, apatia, distúrbios de sono, insatisfação, extrema dependência de adultos, alergias, complicações digestivas e respiratórias, obesidade, câncer etc. Essas manifestações, dentre outras, algumas cujas causas não podem ser explicadas, são também consequências dos ambientes aos quais as crianças estão expostas e descompassos entre ritmos, necessidades internas e estímulos externos. Muitas crianças, desde seu nascimento, são hiperestimuladas ou negligenciadas.

Muitas crianças, principalmente as moradoras de cidades grandes, têm tido pouco tempo para brincar. Várias têm excesso de brinquedos, que são, de maneira geral, rapidamente descartados; elas têm agendas superlotadas e pouco tempo livre. A TV, os videogames, os *smartphones* e as redes sociais vêm dominando o cotidiano das atuais gerações de crianças de tal forma, que elas acabam ficando menos autônomas ou interessadas em interagir com outras crianças.

Elas têm pouco contato com a natureza, o que acaba restringido seus movimentos. As atividades de que participam são geralmente direcionadas por adultos e faltam espaços para a criatividade, imaginação e fantasia.

Grande parte das crianças moradoras de periferias costumam ficar muitas horas sozinhas ou aos cuidados de irmãos mais velhos, vizinhos, parentes ou outros cuidadores. Passam longos períodos na frente das telas e dentro de casa. O espaço público tornou-se inseguro e violento. Algumas têm oportunidade de participar de programas na comunidade que incentivam o brincar, a cultura, as artes e o lazer, junto com suas famílias, e têm oportunidades de vivenciar experiências diversas. Muitas dessas iniciativas, embora grande parte invisíveis, são referências inspiradoras.

Crianças de comunidades rurais têm bastante contato com a natureza, mas ainda são, muitas vezes, privadas dos seus tempos de serem crianças, constituindo, desde pequenas, mão de obra dentro ou fora de casa. Em sua maior parte, influenciadas pela mídia, almejam brinquedos, *smartphones*, videogames, a vida da cidade grande. Em algumas comunidades não se dá valor ao patrimônio cultural local de brincadeiras, costumes, histórias ou das diversas manifestações artísticas.

Crianças de comunidades ribeirinhas, quilombolas ou indígenas têm repertórios lúdicos que vêm sendo (re)conhecidos por alguns pesquisadores e que marcam singularidades de brinquedos e brincadeiras que espelham rituais, costumes e culturas locais. Nesse contexto, muitas vezes faltam informações a respeito de temas como alimentação saudável, vacinas ou prevenção e tratamento de doenças.

Embora o desenvolvimento da ciência possa levar grandes contribuições para essas populações infantis e suas famílias, é necessário criar pontes de diálogo entre suas culturas particulares e os avanços e conhecimentos a respeito das infâncias no século atual.

No Brasil há também uma mistura de influências da cultura de outros países, que podem ser observadas de norte a sul. É possível traçar paralelos, por exemplo, entre o cotidiano de crianças de diferentes cidades brasileiras – sobretudo na região Sudeste – com a vida e a cultura de crianças norte-americanas: o mercado e muitos sistemas educacionais têm tido influência dessa cultura, principalmente aqueles voltados às camadas socioeconômicas mais privilegiadas.

Em especial as grandes metrópoles recebem imigrantes e comunidades de inúmeras procedências. Muitas vezes, eles permanecem em seus grupos de iguais e perpetuam seus valores de origem, como os imigrantes orientais, latinos, europeus, africanos etc. Outras vezes, convivem e se misturam com uma diversidade de outros grupos culturais. Essa miscigenação é bem rica e interessante na formação dos seres humanos. As crianças são, sem dúvida, participantes desses acontecimentos e com frequência são frutos e herdeiras dessas miscigenações.

Crianças que vivem em contato com suas raízes, especialmente em comunidades isoladas e que preservam valores, rituais, costumes e até dialetos locais – sobretudo nas regiões Norte, Nordeste ou no interior de alguns estados –, têm sido influenciadas pelas culturas de outras regiões do globo, como a África e alguns países latinos e centro-americanos. Em muitas comunidades do Sul do Brasil há forte in-

fluência de culturas europeias, que se fazem presentes por meio das línguas e dos valores que permeiam o cotidiano das crianças e continuam a ser traço marcante da cultura local.

Outras características que podemos identificar nas crianças deste século XXI são: a agressividade de muitas delas, que expressam sua raiva por meio de brincadeiras ou atitudes violentas; carências afetivas; excesso de permissividade; hiperestimulação e agendas lotadas; pressão escolar precoce; falta de interesse e concentração, situações em que muitas delas são encaminhadas para acompanhamento psicopedagógico e/ou psicoterapêutico; violência doméstica; convívio em espaços artificiais, “seguros”, “assépticos” ou com pouca natureza, que desvinculam as crianças de seus ritmos naturais, como toques, contatos, olhares e oportunidades de troca; “tirania”, muitas vezes por falta de limites; exigência pelo seu entorno de estarem preparadas para o futuro, pulando fases e experiências essenciais em seus processos de desenvolvimento; exposição ao mercado e ao consumo, sendo educadas para o “ter” mais do que para o “ser”; corpos e mentes “alienados”, hipnotizados pelas telas por horas. Combater essas características, que concorrem cotidianamente com tantas outras possibilidades de vida, é o grande desafio do século.

Observam-se também crianças “privilegiadas” por terem a presença e a participação dos pais em seus processos de crescimento e desenvolvimento; crianças que participam do cotidiano, problemas e crises de suas famílias, de situações que as afetam de uma ou outra forma; crianças extremamente frágeis precisando de cuidado e proteção desde a mais tenra idade, muito permeáveis e sensíveis, sendo o

corpo o primeiro veículo a sentir diretamente qualquer estímulo ou invasão vindos de fora. À medida que as crianças crescem, vão criando, de forma inconsciente, defesas, camadas de proteção que, se por um lado as resguardam, por outro vão encobrendo suas verdadeiras emoções e sentimentos, que vão sendo abafados, reprimidos; crianças com uma percepção muito aguçada, que captam tudo ao seu redor; crianças muito espertas e sábias.

Considerando a situação da infância no Brasil hoje, os novos paradigmas educacionais e a urgência por mudanças, são necessárias profundas reflexões e o planejamento de ações para avançar nas práticas cotidianas.

É, a partir das constatações anteriormente levantadas, que acredito e defendo nesta obra a importância de escutar, observar e aprofundar o conhecimento e a compreensão das crianças – em quaisquer famílias, escolas, territórios, comunidades ou equipamentos – para identificar suas potências, habilidades, interesses, realidades e sentimentos. E, assim, repensar, em todos os âmbitos, espaços, tempos, estímulos, atividades, conhecimentos, experiências, vínculos e valores que estamos lhes proporcionando para que vivam infâncias plenas, saudáveis e adequadas.

PARA REFLETIR

Todos queremos compreender as crianças,
porque todos queremos compreender o ser humano.
Porque decifrar quem cada um é
é tarefa da existência humana.
E mesmo com tantos saberes,
os afetos e as emoções nos desnor-teiam.
Todo dia, com cada vínculo, com cada criança,

com cada novo acontecimento,
os planejados e os inusitados.
Porque somos tão únicos, tão diferentes e tão iguais...
Porque temos sempre tanto a aprender.
Com cada criança, um novo universo.
Com cada grupo, em cada canto, nas diversas culturas,
iniciamos um novo capítulo do livro do que é ser humano.
Vale a pena, cada um vale a pena,
se com verdade e de coração! ■

Tempos e espaços para viver as infâncias

Quanto tempo o tempo tem?

A verdade é que não temos mais tempo.

*O tempo de cada criança viver sua infância é agora,
já está acontecendo na vida de cada uma.*

*E o tempo de escutá-las e conhecê-las
é o presente, onde quer que elas estejam.*

*No verde, no asfalto, em seus esconderijos,
em seus universos imaginários.*

O tempo é agora.

*Não podemos mais perder esses tempos,
que amanhã é outra história que se tece.*

E o tempo delas já terá passado...

É necessário ampliar e aprofundar nossos olhares sobre as crianças e suas infâncias. Ultrapassar a imagem que criamos das crianças existentes apenas no seio das famílias ou como alunos nas escolas e compreender que elas circulam e convivem com seus pares e com outros adultos em diversos espaços, situações e grupos. Apro-

funda-se, assim, a consciência de que, dependendo do lugar, da situação e do grupo com quem compartilham seus tempos, as crianças podem revelar aspectos diferentes daqueles previamente conhecidos pelos adultos com quem interagem.

Crianças mostram diferentes facetas, comportamentos e interesses e estabelecem vínculos diversos. Têm protagonismo, expressão ou participação, em função de inúmeros fatores internos e externos. Portanto, classificar, avaliar ou julgá-las fica absolutamente fora de cogitação, pois elas são surpreendentes em suas reações, emoções, preferências, ao mostrar maior ou menor conforto, interesse e participação, dependendo do momento, do lugar e daqueles com quem convivem. Vale considerar que crianças são muito mais do que filhos ou alunos. Onde quer que elas convivam ou por onde quer que circulem, mostram-se de um ou de outro jeito, dependendo das interações com os outros, com os espaços, com as situações.

Assim, compreender onde as crianças circulam e como elas se revelam é um desafio cotidiano. Onde se sentem mais inteiras, adequadas, em quais atividades ou espaços isso acontece, pode ser extremamente revelador. Algumas observações poderão ser enriquecidas a partir da escuta de crianças em diferentes contextos.

Crianças na natureza e em zonas rurais

Nas zonas rurais, terra e plantas tornam-se parte da brincadeira, em um faz de conta que compõe um rico pa-

rimônio cultural, mas que sofre influência da mídia e das cidades. No campo, as crianças estão em contato permanente, quase orgânico, com a terra, com a natureza, com os bichos. Crescem mais soltas, pés no chão, conectadas com as mudanças climáticas e com os processos naturais de desenvolvimento dos seres vivos – animais e plantas. Muitas vezes, elas são mão de obra fundamental para ajudar no sustento de suas famílias. Quando vão à escola, enfrentam, em sua grande maioria, longos percursos e integram grupos com uma lógica diferenciada daquela das grandes cidades: alunos de diferentes idades compõem os agrupamentos escolares. Assistir à aula depende do transporte, do clima, da necessidade de colaborar com o cuidado dos irmãos mais novos em casa, ou, às vezes, da demanda na ajuda para o sustento familiar. São crianças que geralmente têm muitos irmãos de quem ajudam a cuidar. Nem sempre há figuras masculinas presentes, pois algumas costumam ir trabalhar nas grandes cidades ou viajar com frequência.

Crianças moradoras de fazendas, que brincam com outras de idades variadas, sejam filhos dos empregados ou dos proprietários, misturam-se na convivência e nas brincadeiras. Todas essas características espelham-se em seus brincares e desejos. Nas áreas rurais, as brincadeiras têm algumas características particulares: acontecem em amplos espaços em contato direto com a natureza, fundindo-se em elementos do entorno. Os brinquedos são geralmente construídos com o que há na natureza: água, terra, plantas, árvores, bichos. Crianças de várias idades se unem, umas ensinando às outras. Muitas vezes misturam e criam seus brincares com o tempo do trabalho, enquanto ajudam os

pais nas tarefas domésticas ou na terra. O faz de conta e a adaptação à natureza estão em seu vocabulário, na imitação, no desenvolvimento de habilidades diversas. São atos que envolvem destreza de movimentos e aguçam os sentidos: cheiros, texturas, sons, sabores e observações são auxiliares permanentes.

Não são apenas as paisagens e realidades naturais da região rural que impregnam os desejos dessas crianças. Há também um mundo que chega por meio da televisão, dos celulares, das redes sociais: universos longínquos, que passam pelos anseios de consumo que as propagandas transmitem. Assim, as crianças começam a integrar universos multiculturais, que aparecem em seus cotidianos e se revelam em seu brincar.

Essas comunidades têm um repertório próprio de brincadeiras tradicionais, transmitidas pelos pais e avós, que misturam tradição, condição natural do entorno e culturas lúdicas diversas, provenientes das experiências infantis dos pais que, muitas vezes, nasceram ou têm suas raízes familiares e ancestrais em diferentes regiões do país. As crianças crescem, pois, com um repertório lúdico riquíssimo, muitas vezes não valorizado pela própria comunidade. E, paralelamente, conforme elas têm acesso aos meios de comunicação, ao mercado de brinquedos e ao contato com a cidade, apropriam-se de um repertório lúdico urbano e até universal.

As brincadeiras e os brinquedos são portadores de valores que geralmente dizem respeito ao contexto cultural em que as crianças nasceram ou foram criadas. Tomemos o exemplo das bonecas: embora em algumas ocasiões possam servir de suporte para as brincadeiras de faz de con-

ta, independentemente dos materiais ou formatos em que foram fabricadas, “falam” dos costumes, valores e culturas por meio de roupas, acessórios, cores de cabelo etc. As bonecas feitas de palha de milho, as “bruxinhas”, as de pano, os bebês, as modelos, as com feições de diversas culturas: todas refletem universos nem sempre familiares para aqueles que brincam.

Assim acontece com os brinquedos industrializados e mesmo com os artesanais: todos têm impregnadas em si características multiculturais. O repertório do faz de conta de cada criança ou de cada grupo infantil, ao mesmo tempo que acontece conforme o que a natureza e o entorno oferecem, impregna-se da realidade doméstica (da qual pais, mães, avós e aparentados são oriundos, geralmente, de diferentes realidades socioculturais), da cultura do grupo de convivência, da que chega pela mídia, da universal.

É uma mistura riquíssima de repertórios lúdicos, embora esses grupos infantis possam não ter consciência de todos os valores de seus patrimônios culturais e estar, muitas vezes, desejando aquilo que recebem por meio da mídia: o que vem de fora.

Crianças em zonas ribeirinhas

Mitos e costumes ancestrais misturam-se no cotidiano das crianças que fazem das florestas e das matas palcos para o faz de conta. Pará, Amazonas, Acre, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Goiás... Em que recanto do Brasil não encontramos crianças protagonistas por meio de seus brin-

cares? Moradoras de comunidades isoladas, elas detêm culturas lúdicas desconhecidas pela grande maioria de nós. Quanto elas têm a nos ensinar! Ao olharmos para outras crianças e reconhecermos suas singularidades e a riqueza de seus cotidianos lúdicos!

As brincadeiras de crianças quilombolas, ribeirinhas, de comunidades indígenas e tantas outras revelam não somente culturas particulares, mas também universos permeados de mitos, costumes ancestrais dos grupos nos quais nasceram e se desenvolvem, organicamente conectadas com a natureza.

Nesses labirintos paisagísticos, embrenhados em florestas, matas, morros e em tantos outros esconderijos, crianças das diversas comunidades se transformam em donas de saberes que nos escapam: dominam a terra em que pisam, as árvores que escalam com seus hábeis pezinhos descalços, o curso dos rios onde as brincadeiras viram festa, conhecem os bichos que aparecem e desaparecem e tornam-se parceiros. Os códigos que dominam, tanto em relação ao vínculo com a natureza quanto à sua transformação na criação de complexos brinquedos, ancoram suas origens em regras e valores particulares. Essas crianças estão tão conectadas e integradas à natureza que seus brinquedos “nascem” das árvores, da terra, dos rios, dos mitos e costumes, por meio de sua imaginação, de seus corpos e dos ensinamentos de pais e avós. Barquinhos, casinhas, piões, estilingues, petecas e brincadeiras de faz de conta reproduzem suas vidas e os universos dos adultos, contando quem elas são. É assim que, nas comunidades, as brincadeiras expõem um forte vínculo com a natureza, que é transformada em complexos brinquedos.

Rodas e cantigas em que crianças e adultos, juntos e muito à vontade, criam ritos e ritmos na vida desses brincantes. Galhos de árvores, troncos, bichos, sementes, linhas, elásticos, tampinhas de garrafa, caixas de fósforos, pedras, barbantes, latinhas, chinelos de borracha, isopor, miriti, madeiras, cortiças e muita habilidade e imaginação: é assim que crianças das inúmeras comunidades ribeirinhas constroem seus brinquedos e inventam suas brincadeiras.

Crianças nas cidades

Estamos muito preocupados com o caos que se tornaram nossas cidades, assim como com o acúmulo de problemas dos quais todos somos partícipes no dia a dia. Políticos e empresários procuram soluções; meios de comunicação, ao mesmo tempo que denunciam, promovem debates sobre qualidade de vida; trabalhadores procuram saídas. E nós, cidadãos, pais e educadores, temos também o dever de pensarmos em caminhos possíveis para resgatar – muito além de áreas livres e de lazer para as crianças –, a humanidade que está indo embora com as enchentes da violência.

As cidades estão doentes e o diagnóstico que facilmente espelha essa doença passa pela violência; pela poluição do ar, sonora e visual; pela poluição de ideias e de objetos de consumo; poluição virtual; falta de segurança; circulação e comercialização de drogas; lixo não recolhido e falta de consciência quanto ao que jogamos fora; invasão de espaços públicos, abandono e negligência de autoridades

diante do aumento de moradores de rua; troca do natural pelo artificial nas ruas, nos prédios, nas atitudes; deslocamento do interior para o exterior. Nos espelhamos no outro, sem termos consciência de que nós também somos o outro, mas não temos coragem de nos olharmos em nosso próprio espelho; perdemos nossa identidade, o espaço de sermos cada um e não mais um na multidão; aprendemos a entrar em contato pelo computador, de forma virtual, defendidos, impulsivos, mas perdemos contato com o outro, seus toques e olhares.

Não há mais equilíbrio entre o antigo, a história e o moderno; o verde e o cimento; o azul e o cinza; o claro e o escuro; o público e o privado; a riqueza e a pobreza. Perdemos valores essenciais entre as ruas da cidade, no trânsito, nos shoppings, prédios e multidões. Perdemos impulsos, sensações, cores, verdades intrínsecas: perdemos parte da alma.

Como as relações humanas acontecem no nível do *olhar*, são necessários ambientes para estabelecermos esse contato, como lugares de encontros, para pausas, momentos de troca de olhares (cafés, avenidas, parques). Lugares para os corpos, onde eles possam se ver, se tocar, se encontrar. Lugares de intimidade dentro da cidade, pois ela é crucial para a alma: esquinas, cantos, interiores, pausas.

Felizmente têm surgido movimentos que convidam os cidadãos – incluindo as crianças – a ocuparem as cidades com ruas de lazer, ciclovias, centros culturais, museus, ruas, muros e paredes destinados a artistas e grafiteiros, apresentações musicais, corridas, caminhadas – eventos em que crianças e suas famílias fazem piqueniques, ocupando parques e praças. Equipamentos de encontro colo-

cados nas calçadas, *food trucks* e todo tipo de feiras de artesanato, de alimentação, de venda de livros, de brinquedos etc., *slams*⁷ de poesia, bibliotecas ambulantes, a natureza e as manifestações espontâneas revitalizando as cidades. Esses movimentos, que surgiram de forma muito instigante nos últimos anos por iniciativa dos cidadãos – e com a participação ativa de crianças de todas as idades –, criaram a possibilidade de encontros entre membros de diversas origens, culturas e comunidades. E têm levado às crianças – estas também protagonistas e participantes – possibilidades de vivenciarem sua autonomia, livre escolha e usufruto do tempo de ócio, e convivência com seus pares e outros adultos.

Em 1999, o escritor uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015) fez, com muita pertinência, uma radiografia das crianças da América Latina. Embora tenham se passado mais de vinte anos e muitos direitos tenham sido conquistados com as subsequentes mudanças, o panorama apontado naquela época continua similar em muitas regiões e até piorou em outras. Segue aqui uma síntese dessa manifestação, em tradução livre.⁸

As crianças e os adolescentes somam quase metade da população total. As crianças das classes mais abastadas crescem trancadas em uma bolha de medo,

7 Os *slams* são campeonatos de poesia: os participantes têm até três minutos para apresentar uma poesia de autoria própria, sem adereços ou acompanhamento musical. O texto pode ser escrito previamente, mas também pode haver improvisação. Não há regras sobre o formato da poesia.

8 Texto publicado na obra *Patatas arriba: las escuelas del mundo al revés*. Uruguai: Siglo XXI, 1999, p. 11-20.

por causa dos sequestros. Moram em mansões amuralhadas, com cercas elétricas e seguranças armados, vigiadas dia e noite por guarda-costas e pelas câmeras de circuitos fechados de TV. Viajam em carros blindados e só conhecem sua cidade de vista. Não habitam na cidade onde moram. As crianças que menos têm um lugar para morar são aquelas que mais coisas têm: crescem sem raízes, sem identidade cultural e seu senso social é o de que a realidade é perigosa. Sua pátria está nas roupas de grife e na língua dos códigos internacionais. São educadas na realidade virtual e se deseducam na ignorância da realidade real. Brincam de guerra com balas de raios laser. Desde que nascem, são treinadas para o consumo e a frivolidade, e passam a infância aprendendo a ter mais confiança nas máquinas do que nas pessoas. Em sua adolescência descobrem caras drogas que mascaram a solidão e o medo. O carro é seu ritual de iniciação.

Metade das crianças e dos adolescentes na América Latina vive na miséria. A cada hora, morrem cem crianças, de fome ou de doença curável. Tem cada vez mais crianças pobres nas ruas. A sociedade pressiona, vigia, castiga e às vezes mata essas crianças pobres; quase nunca as escuta, jamais as compreende. São obrigadas a trabalhar para poder comer. São mão de obra gratuita ou a preço de lojas, oficinas, restaurantes, indústrias; no campo, na cidade, em casa. São pequenas escravas da economia familiar ou do setor informal da economia globalizada, tendo os piores trabalhos: catadoras de lixo, de pérolas nos mares, de diamantes nas minas; cheiram os pesticidas das plantações de café, algodão e banana; trabalham nas vias férreas, nos carvoeiros, nas casas de família, nas feiras, limpando vidros nas ruas, lustrando sapatos,

costurando e colando. As meninas se prostituem. São incontáveis as crianças que trabalham fora da lei e das estatísticas. Outras crianças pobres ainda roubam desde pequenas, ou morrem de fome ou de balas perdidas. Drogam-se, cheiram cola. A criança tornou-se uma ameaça, um perigo público!

Entre as crianças que vivem prisioneiras do dinheiro e as que vivem prisioneiras do desamparo estão aquelas crianças que têm muito mais do que nada, mas muito menos do que tudo: as crianças da classe média são cada vez menos livres. É a classe asfixiada pelas dívidas, paralisada pelo medo e no medo cria seus filhos: medo de viver, de cair, de perder o trabalho, o carro, a casa, as coisas. Pânico de não chegar a ter o que se deve ter para chegar a ser... Clamam por segurança e ordem. Cada vez mais, essas crianças estão condenadas à humilhação do fechamento perpétuo. Na cidade do futuro, que já está sendo a cidade do presente, as telecrianças, vigiadas por babás eletrônicas, observam a rua desde alguma janela de suas telecasas: a rua, proibida pela violência ou pelo pânico da violência, a rua onde acontece o sempre perigoso espetáculo da vida.

Pensemos na possibilidade de restaurar a alma das cidades e das crianças. Existe uma “ecologia da alma”: a ciência do lar, a responsabilidade pelas coisas e pessoas do mundo. Uma ecologia como essa não acontece somente junto à natureza, fugindo da cidade. James Hillman, em sua obra *Cidade e alma* (1993), afirma que se restaura a alma quando restauramos a cidade em nossos corações individuais, assim como a coragem, a imaginação e o amor que trazemos para a civilização.

Há um crescente movimento em prol de curas alternativas para confrontar essas “doenças” da alma:

PARA REFLETIR

Gotinhas homeopáticas de solidariedade,
pílulas de toques e encontros,
injeções de otimismo e esperança,
massagens para descongelar corpos e corações,
curativos para nossas feridas,
faixas removíveis que aliviam
em vez de gessos que paralisam,
compressas de calor e compaixão,
tônicos para descongelar sorrisos,
chá de ternura,
banhos de justiça,
bulas de respeito pelos direitos do outro. ■

Hospitais para recuperação de dependentes das drogas; palhaços que resgatam o sorriso de crianças doentes; escolas e espaços lúdicos e criativos voltados para a canalização de suas energias pela arte, pelo brincar, pelo movimento, pela expressão verbal e musical.

PARA REFLETIR

Nesta medicina suave
dois ingredientes são fundamentais:
cuidado e amor.
Cuidado com os corpos,
com a gente, com o outro,
com as crianças,
com nossa casa,
com nossa cidade,
com nosso planeta,
com nossa alma. ■

Crianças na escola

As instituições de educação formal – creches, escolas de Educação Infantil e escolas de Ensino Fundamental – são educadoras por natureza. O que observamos em muitos desses equipamentos?

- Espaços nem sempre adequados.
- Falta ou excesso de materiais.
- Currículos fragmentados que não acompanham os “tempos orgânicos” das crianças.
- Excesso de crianças em cada sala.
- Poucos cuidadores/educadores para grande número de crianças.
- Demanda reprimida.
- Mudanças permanentes de diretrizes curriculares.
- Excesso e/ou inadequação de atividades e estímulos.
- Falta de tempo livre para as crianças experimentarem sua autonomia.

Ainda, educadores passaram a ser responsáveis e solicitados a orientar os pais.

Muitas crianças que ficam na escola em período integral não têm tido períodos de ócio, de liberdade e de autonomia para o livre brincar ou para desenvolver outras atividades de sua escolha. Elas são, em muitas escolas, permanentemente monitoradas, sem oportunidades de respiros. Temos pela frente grandes desafios cotidianos, permanentes e que dizem respeito à formação de todos os membros das comunidades escolares: abrir-nos para conhecer nossas crianças

e repensar seus programas, currículos, uso dos tempos e formas de incluir todas as singularidades no coletivo.

PARA REFLETIR

Porque as crianças estão no mundo,
por toda parte, muito além dos muros,
em todos os territórios e culturas.
Porque estão muito além dos tempos e espaços
criados e definidos por nós, adultos.
Porque as crianças com seus jeitos de ser e viver
atravessam fronteiras,
transgridem e questionam nosso senso comum,
falam dos seus jeitos e
chacoalham nossas certezas.
Porque as crianças estão no mundo!
Vamos finalmente escutá-las?! ■

FONTE

Friedmann, A. A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020. 200p.